



# Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i3>

ISSN 2177-2940  
(Online)

ISSN 1415-9945  
(Impresso)

## O *Tesouro* e o *Catecismo* da língua guarani de Antonio Ruiz de Montoya

<http://dx.doi.org/10.4025/dialogos.v21i3.41775>

Francisco Silva Noelli

Professor aposentado da Universidade Estadual de Maringá, Paraná, pesquisador no Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história (LAEE) da UEM, [chico.noelli@gmail.com](mailto:chico.noelli@gmail.com)

Resenha recebida em 28/08/2017. Aprovada em 20/12/2017

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Tesoro de la lengua Guaraní** (1639). Introducción y notas por Bartomeu Melià. Transcripción y transliteración por Friedl Grünberg. Asunción: CEPAG. 2011. 655p.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Catecismo de la lengua Guaraní** (1640). Introducción y notas por Bartomeu Melià. Transliteración por Bartomeu Melià y Angélica Otazú. Asunción: CEPAG. 2011. 459p.

O conhecimento das línguas nativas sempre foi valorizado pela Antropologia e por outras disciplinas científicas dedicadas ao estudo das populações indígenas, sendo considerado algo muito importante para compreender diferentes aspectos dos seus modos de vida. Portanto, aumentam as possibilidades de ampliar os conhecimentos sobre os povos que se têm interesse em investigar quando dicionários de línguas indígenas e livros bilíngues são publicados.

Esta resenha apresenta a nova edição de dois livros publicados há quase 400 anos, por um daqueles que alcançaram a proficiência plena, falada e escrita, em uma língua nativa. Ela é a continuação da resenha publicada por mim em 2004, na revista *Mana* v. 10/2 (pp. 432-433), sobre outros dois livros de Antonio Ruiz de Montoya dedicados à língua Guaraní: o dicionário castelhano-guarani **Vocabulário de la lengua Guaraní** (1640) e a gramática intitulada **Arte de la lengua Guaraní** (1640). Estas duas obras, tal como o objetivo da publicação original, formam um conjunto com o dicionário guarani-castelhano **Tesoro de la lengua Guaraní** (1639) e com o **Catecismo de la lengua Guaraní** (1640), compostos entre 1612 e 1638, enquanto Montoya atuou como missionário jesuíta entre os Guaraní do Guairá, do Paraguai, do Tape e do Uruguai.



A alta qualidade linguística e o fôlego para publicar aproximadamente 1.500 páginas, colocam Montoya entre os maiores conhecedores de uma língua indígena, em todos os tempos, como concordam diversos especialistas, sobretudo linguistas, antropólogos e historiadores. Daí, temos uma fonte com vasta quantidade de informações para contribuir aos mais variados temas da antropologia, da arqueologia, das etnociências, da história e da própria linguística. Ela é relevante tanto para investigações sobre os falantes das línguas Guarani, quanto para estudos comparados sobre sociedades falantes das línguas do tronco Tupi, bem como para pesquisas comparadas entre os Guarani do século XVII e os dos séculos posteriores, até o presente.

Nas duas obras as introduções e as notas explicativas de Bartomeu Melià são primorosas e trazem uma completa contextualização histórica do trabalho realizado por Montoya para aprender a língua, escrever e publicar os seus livros. Ele contextualiza, com muitos detalhes relevantes, o *Tesoro* em relação a outros dicionários compostos naquele período. O mesmo fez com o *Catecismo*, o primeiro livro bilíngue do idioma Guarani, mostrando como Montoya foi inspirado por publicações similares que então circulavam “em toda Espanha, em cuja interpretação procurei, o quanto pude, ajustar a propriedade do texto ao idioma indígena”. Melià ainda mostra as diversas experiências sobre os usos da obra de Montoya desde a sua publicação em meados do século 17. Ela serviu como dicionário entre os missionários e entre os pesquisadores, a começar pelo legendário León Cadogan. O texto de Melià é uma inspiração para aqueles que estão começando sua educação acadêmica, servindo como mapa para orientar a tomada de decisão sobre uma futura linha de pesquisa sobre os Guarani.

No *Tesoro*, que levou mais de uma década para ser editado, a transcrição e a transliteração foram realizadas por Friedl Paz Grünberg,

“conforme as regras da linguística aplicada moderna, que na sua análise parte da língua falada”. Ela explicou que para superar as dificuldades da sua tarefa, “quando o material de Montoya não permitia uma decisão clara para a transcrição de uma palavra, nem tampouco ajudava suficientemente o *Vocabulario* de Restivo”, publicado em 1722, decidiu optar pela forma atual de escrever o Guarani conforme o **Diccionario castellano-guaraní/ guaraní-castellano** de Antonio Guasch. Contudo, ela explicou que como essa língua tem uma longa e continuada história de escrita, “nem sempre é possível – nem recomendável – orientar-se somente de acordo com a análise da linguística moderna, mas manter certas práticas para mostrar a continuidade com o passado escrito”. Entre as maiores dificuldades, está no uso de apenas 20 letras e três signos para os sons significativos da língua, que possui 50 fonemas (22 consoantes e 28 vogais, incluindo os ditongos). A superação da maioria dessas dificuldades aparece com clareza nas alentadas 655 páginas do **Tesoro**, marcando um novo caminho para compreender a expressão escrita da língua falada há quatro séculos e as suas relações com as formas encontradas posteriormente para representar graficamente a língua falada pelos Guarani.

No **Catecismo**, a transliteração do texto Guarani foi feita por Melià e pela historiadora Angélica Otazú, foi uma tarefa linguística tão complexa quanto o trabalho empreendido por Paz Grünberg no **Tesoro** e por Antonio Caballos no acima referido **Vocabulario de la lengua Guarani**. Junto com os importantes aspectos específicos da perspectiva linguística, o **Catecismo** faz aflorar outros elementos muito relevantes para a Antropologia e a História da criação desse livro e dos objetivos muito claros do seu autor, revelando a profundidade da sua relação com os Guarani. Montoya estava muito além de ser mais um mero personagem colonialista, sendo uma figura complexa que merece ter sua biografia mais explorada em

relação as suas perspectivas políticas, religiosas e afetivas em relação aos Guarani e as suas agências, tal como Melià mostrou nas introduções das obras resenhadas aqui. Melià entendeu que Montoya estaria “contra o princípio de um catecismo único”, meramente traduzindo algum que circulava nos domínios espanhóis e que pensaria ser “útil que existisse certa variedade e novidade nos textos de catecismo que os índios estavam obrigados a repetir todos os dias”, e que “um catecismo único se torna aborrecido e mantém o ensino da doutrina dentro de limites demasiado estreitos, sem ampliar jamais as explicações” e que para o missionário os “índios eram muito capazes para receber ensinamentos mais avançados e amplos”.